

Externa

Interesse de compra pelo MYDFA registra um ligeiro crescimento

* 9 JAN 1990

por Getúlio Bittencourt
de São Paulo

Um grande banco credor de países em desenvolvimento liquidou ontem seu portfólio, incluindo títulos brasileiros. Mas apesar disso os Multi Year Deposit Facility Agreement (MYDFA), o principal instrumento da dívida externa brasileira, manteve-se estável em torno dos 23,5 centavos por dólar, um desconto de 76,5% sobre o valor nominal.

Esse credor, um banco europeu, "deve ter ficado feliz em liquidar o portfólio com os MYDFA a esse preço", disse ontem a este jornal um vice-presidente do banco de investimentos Dillon, Read International, Peter Grossman. "Outros bancos credores vão fazer o mesmo, porque não há perspectiva de pagamento pelo Brasil, e o preço tende a cair."

No momento, "o mercado está ligeiramente mais comprador de MYDFA", afirmou a este jornal um

vice-presidente do Manufacturers Hanover, "mas não muito". O diretor-gerente de risco soberano no banco de investimentos Shearson Lehman Hutton, Kenneth Hoffman, vê o mercado estável, e uma operadora da Merrill Lynch Capital Markets, Julia Liu, percebe pouco movimento com títulos neste início de 1990.

Daqui para a frente há duas alternativas visíveis. "Ou os bancos recomecem a vender seu portfólio brasileiro, ou o novo governo brasileiro modifica a postura atual. Até lá, é possível que o preço dos MYDFA fique entre 23 e 24 centavos por dólar", diz a diretora-gerente de risco soberano no Chase Manhattan Bank, Kathy O'Donnell Galbraith.

Tem havido alguma atividade com outros títulos brasileiros também. "Alguns bancos credores estão vendendo resoluções 4131, e o uso dessas resoluções em "swaps" contra os

MYDFA tem suprido razoavelmente o mercado com o principal título brasileiro", explicou um vice-presidente da Salomon Brothers Inc., Peter Albano.

Um vice-presidente de um grande banco credor fora dos Estados Unidos afirmou ontem a este jornal que várias empresas multinacionais procuraram bancos, nos últimos dias, para fazer conversões informais no Brasil, aproveitando o "break-even" do dólar paralelo. No entanto, a queda do dólar paralelo ontem, do patamar de 30 cruzados para o de 27 cruzados, pode desestimular essas operações a curto prazo. Elas são mais vantajosas quanto maior for a diferença entre o dólar oficial e o paralelo. Uma redução na velocidade da inflação tenderia a acalmar o mercado paralelo do dólar no País.

Outro operador de um grande banco credor norte-americano observou um aumento na demanda por operações do Projeto 3, que

corresponde às linhas de curto prazo para financiamento de exportações brasileiras, e do Projeto 4, que representa as linhas interbancárias para agências de bancos do País no mercado de Nova York.

Os títulos argentinos registraram uma queda expressiva ao longo da semana passada, diante da instabilidade econômica gerada pelas últimas medidas do governo Carlos Menem. Perderam um ponto, e estavam sendo cotados pelo Manufacturers Hanover a 11,5 centavos por dólar na compra e 12,25 centavos na venda.

Os papéis do Chile, na outra ponta, subiram um centavo para 61 centavos na compra e 61,5 na venda, segundo o mesmo banco, que também elevou a cotação do "par bond" do México para 35,25 centavos na compra e 36 na venda. Outro título que ganhou um ponto foi o da Venezuela, agora cotado a 35 centavos na compra e 35,5 na venda.